

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

BÁRBARA FERREIRA COELHO

A TRADUÇÃO FUNCIONALISTA EM TEXTO LITERÁRIO:
IGIABA SCEGO TRADUZIDA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

PORTO ALEGRE
2021

BÁRBARA FERREIRA COELHO

**A TRADUÇÃO FUNCIONALISTA EM TEXTO LITERÁRIO:
IGIABA SCEGO TRADUZIDA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Letras – Tradutor Português e Italiano

Orientadora: Professora Doutora Márcia Moura
da Silva

PORTO ALEGRE
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Coelho, Bárbara Ferreira

A tradução funcionalista em texto literário: Igiaba Scego traduzida para o contexto brasileiro / Bárbara Ferreira Coelho. -- 2021.

38 f.

Orientadora: Márcia Moura da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Italiano, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Tradução comentada. 2. Tradução funcionalista.
3. Competência tradutória. 4. Igiaba Scego. I. da
Silva, Márcia Moura, orient. II. Título.

BÁRBARA FERREIRA COELHO

**A TRADUÇÃO FUNCIONALISTA EM TEXTO LITERÁRIO:
IGIABA SCEGO TRADUZIDA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Italiano

Orientadora: Professora Doutora Márcia Moura da Silva

Aprovado em __ novembro ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Solange Mittmann – UFRGS

Profa. Dra. Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva – UFRGS

Profa. Dra. Márcia Moura da Silva – UFRGS (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luiz e Vanda, pela criação, pela educação e por todo o esforço para que eu chegasse até aqui.

À minha família, principalmente ao meu tio Alvim Coelho, por todo o apoio e o incentivo dados durante a graduação.

A todas as professoras do Setor de Italiano da UFRGS, pelo acolhimento quando decidi trocar de ênfase e por me concederem oportunidades para desenvolver minhas habilidades ao decorrer do curso.

À minha orientadora, Márcia, por me guiar e me ensinar tanto neste fim de graduação.

À minha amiga Marina Ibaldo, por estar sempre disposta a me ajudar.

RESUMO

Este trabalho propõe uma tradução comentada dos contos *Dismatria* e *Salsicce*, da escritora italiana de origem somali Igiaba Scego, presentes na coletânea *Pecore Nere*, publicada em parceria com Gabriela Kuruvilla, Laila Wadia e Ingy Mubiayi, pela Editora Laterza, em 2005. O objetivo deste estudo é descrever o processo tradutório tendo por base as reflexões dos teóricos funcionalistas Hans Vermeer (1984/1989) e Christiane Nord (1988/1991) e o modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo PACTE. O projeto de tradução tem como propósito adaptar as tramas dos dois contos ao contexto brasileiro, visando à criação de um texto voltado à domesticação (Venuti, 2002). Assim, as histórias foram ambientadas na cidade de São Paulo, no ano de 2005. Por meio da análise de trechos selecionados da tradução, pretende-se apresentar e discutir as estratégias utilizadas pela tradutora na execução de seu trabalho.

Palavras-chave: Tradução comentada; Tradução funcionalista; Competência Tradutória; Igiaba Scego.

RIASSUNTO

Questa tesi di laurea propone una traduzione commentata dei racconti *Dismatria* e *Salsicce*, della scrittrice italiana di origine somala Igiaba Scego, presenti nella raccolta *Pecore Nere*, pubblicata in collaborazione con Gabriela Kuruvilla, Laila Wadia e Ingy Mubiayi, dalla casa editrice Laterza, nel 2005. L'obiettivo di questo lavoro è descrivere il processo traduttivo in conformità con le riflessioni dei teorici funzionalisti Hans Vermeer (1984/1989) e Christiane Nord (1988/1991) e il modello di competenza traduttiva proposto dal gruppo PACTE. Il progetto di traduzione ha come scopo adattare le trame dei due racconti al contesto brasiliano, al fine di creare un testo finalizzato alla domesticazione (Venuti, 2002). Pertanto, le storie sono state ambientate nella città di São Paulo, nel 2005. Attraverso l'analisi dei brani selezionati della traduzione, si intende presentare e discutere le strategie utilizzate dalla traduttrice nell'attuazione del suo lavoro.

Parole chiavi: Traduzione commentata; Traduzione funzionalista; Competenza traduttiva; Igiaba Scego.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A escolha por São Paulo, em <i>Desmatria</i>	10
Tabela 2 – A escolha por São Paulo, em <i>Linguças</i>	10
Tabela 3 – A escolha pela Rua Gama, em <i>Desmatria</i>	12
Tabela 4 – O primeiro encontro entre a protagonista e Angelique.....	13
Tabela 5 – A menção a uma artista conterrânea de Angelique.....	15
Tabela 6 – Adaptação do meio áudio visual.....	16
Tabela 7 – A culinária somali, em <i>Linguças</i>	17
Tabela 8 – Adaptações culturais diversas, em <i>Linguças</i>	18
Tabela 9 – Adaptação de legislação.....	23
Tabela 10 – Adaptação do cinema para a literatura.....	24
Tabela 11 – Adaptação de dialeto.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 METODOLOGIA.....	02
3 AUTORA E OBRA.....	03
4 FUNCIONALISMO E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	05
4.1 FUNCIONALISMO.....	05
4.2 COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	06
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS COMENTÁRIOS.....	08
5.1 LOCALIZAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL.....	09
5.2 ANGELIQUE.....	13
5.3 ASPECTOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS.....	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A ideia para este trabalho surgiu em 2019, durante a disciplina de Estudos de Tradução. Ao ser apresentada a teoria do escopo, de Hans Vermeer, pareceu-me instigante traduzir um texto literário utilizando a teoria funcionalista e comentar detalhes interessantes desse processo. O projeto consistiria em traduzir um ou mais textos, em língua italiana, com muitas marcas culturais, como se este se passasse em um contexto brasileiro.

A partir disso, escolhida a temática, passei a procurar por contos que fossem perfeitos para tal propósito. Assim, conheci Igiaba Scego, por meio da professora Aline Fogaça. Logo, a minha pesquisa partiu da teoria em direção ao objeto.

O texto de Scego flutua entre as culturas italiana e somali, apresentando muitos traços dos dois países, como dialetos, culinária e entretenimento. Logo, fui desafiada a encontrar equivalentes, no Brasil e na língua portuguesa, que produzissem efeitos próximos.

Para tal, realizei pesquisas sobre os três países em questão, que me trouxeram grandes aprendizados, além de utilizar conhecimentos prévios, provenientes de meus estudos e de minhas vivências.

As traduções foram desenvolvidas nas disciplinas de Estágio Supervisionado de Tradução do Italiano I e II. Nesse período, tive o apoio da professora Cláudia Scheeren, que colaborou com esclarecimentos, sugestões e ideias.

O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas escolhas tradutórias dos contos *Dismatria* e *Salsicce*, de Igiaba Scego, publicados na coletânea *Pecore Nere*, em 2005, pela editora italiana Laterza, o que nos Estudos da Tradução está inserido na chamada tradução comentada, definida por Williams e Chesterman como sendo “uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva onde você mesmo traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário sobre seu próprio processo tradutório” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002 apud SILVA e MOURA, 2020, p. 167).

Para alcançar tal objetivo, a discussão aqui apresentada tem por base reflexões de teóricos do funcionalismo (VERMEER, 1984/1989; NORD, 1988/1991 apud PYM, 2017). Ademais, trago o modelo de competência tradutória desenhada

pelo grupo PACTE¹ para refletir sobre a utilização de diferentes subcompetências durante o processo tradutório dos trechos aqui apresentados.

A organização do trabalho divide-se em i) metodologia, onde explicarei como a tradução foi realizada e de que forma a análise dos trechos escolhidos será feita; ii) autora e obra, onde contarei um pouco sobre a biografia, as características, o estilo e a obra de Igiaba Scego; iii) funcionalismo e competência tradutória, onde abordarei os teóricos e as teorias que serviram de base para este trabalho; iv) análise e discussão dos comentários, em três seções (a localização espacial e temporal, Angelique e aspectos culturais e linguísticos) com o objetivo de organizar as passagens conforme o assunto tratado, onde relatarei minhas lembranças do processo tradutório, explicando as considerações, os conhecimentos e as pesquisas realizadas durante a elaboração do estudo; e v) considerações finais, onde farei um apanhado geral das minhas escolhas, relacionando com as teorias aplicadas ao trabalho.

2 METODOLOGIA

O estudo partiu da teoria em direção ao objeto, assim, antes mesmo de ter conhecimento sobre com qual texto trabalharia, eu já tinha o propósito da tradução bem definido: domesticar² a história, trazê-la para o contexto brasileiro.

A princípio, eu lidaria com as culturas de dois países: Itália e Brasil. Entretanto, a personagem principal dos dois contos transita entre as culturas italiana e somali, logo, meu trabalho deveria atender a três culturas diferentes.

O primeiro texto a ser traduzido, na disciplina de Estágio Supervisionado de Tradução do Italiano I, foi *Desmatria* (*Dismatria*, título em italiano). Esse foi o conto que teve um processo de adaptação menos complicado, pois o contraste entre os costumes italianos e somalis se assemelhavam àquele entre brasileiros e somalis. Isto é, as situações e citações tipicamente somalis que causariam estranhamento nos leitores italianos, também causariam esse sentimento nos leitores brasileiros.

¹ Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação).

² Nos Estudos de Tradução, o tradutor e teórico estadunidense Lawrence Venuti apresenta os conceitos de “domesticação” e “estrangeirização”, sendo que o primeiro se refere à uma tradução mais próxima da língua e da cultura do público alvo, enquanto o segundo se refere à uma tradução que mantém elementos linguísticos e culturais do texto de partida (BRITTO, 2012, p. 21).

Além disso, encontrar correspondentes para as menções de particularidades italianas foi intuitivo de minha parte.

O conto *Linguigas* (*Salsicce*, título em italiano) teve um percurso mais desafiador. Já no início, a autora utiliza o dialeto romanesco (falado em Roma) até então desconhecido por mim. A cada página, a dificuldade foi aumentando: de citação de lei até referências muito específicas a filmes italianos. Como se não bastasse, costumes somalis estranhos aos italianos eram práticas comuns no Brasil.

Levando em consideração que Scego escreveu seus contos em uma época anterior a 2005 (ano da publicação da coletânea), decidi manter a equivalência temporal em minha tradução, buscando utilizar elementos compatíveis a esse período.

Mediar os conflitos culturais entre esses três mundos requereu mais tempo, mais pesquisa e mais estudo. Conseqüentemente, a tradução de *Linguigas* acarretou mais mudanças no texto, escolhas ousadas, mas sempre respeitando o propósito inicial do trabalho: adaptar a história para o contexto brasileiro.

Ambas as traduções foram acompanhadas pela professora Cláudia Scheeren, que, ao final do processo, ainda colaborou com mais sugestões e correções. A partir disso, podemos dizer que o texto ganhou uma nova versão.

Alguns meses depois, a leitura atenta da professora Márcia Moura observou pontos os quais tinham passado despercebidos nas revisões anteriores. Após as suas análises e sugestões, outra etapa de pesquisas, reflexões e mudanças se iniciou e, ao final, o texto chegou a sua terceira versão.

Muito provavelmente essa não seja a sua versão final, porém acredito que meu propósito tenha sido alcançado.

Os trechos utilizados nas análises serão dispostos em tabelas, onde a primeira coluna será destinada à apresentação do conteúdo em língua de partida, enquanto a segunda coluna conterá a tradução em língua de chegada.

Todas as tabelas foram elaboradas pela autora do trabalho e possuem títulos para a identificação do assunto de que tratam. As frases e palavras que foram adaptadas estarão evidenciadas em negrito, em ambas as colunas.

3 AUTORA E OBRA

Igiaba Scego é uma jornalista e escritora italiana de origem somali, nascida na cidade de Roma, em 1974. A sua obra aborda temas como a imigração e o diálogo entre culturas.

Desde 2003, publicou pelo menos 14 obras, entre elas a autobiografia *La mia casa è dove sono* e os contos *Dismatria* e *Salsicce* em *Pecore Nere*, coletânea de contos lançada em parceria com Gabriela Kuruvilla, Laila Wadia e Ingy Mubiayi (escritoras também filhas de imigrantes que narram os fatores ligados às suas preciosas pluri-identidades).

Francesca Cricelli, que traduziu os três livros³ de Scego publicados no Brasil, afirma que a autora italiana

consegue variar de um registro de alta erudição da língua italiana e lançar mão, ao mesmo tempo, de uma narrativa que preserva algo da tradição de uma sociedade em que a transmissão oral das histórias é o mais comum, algo que vem de sua origem somali, sobretudo pela parte materna (CRICELLI, 2020).

Scego possui uma relação muito próxima ao Brasil. Além de estudar a língua portuguesa, através de diversas publicações nas redes sociais, ela mostra acompanhar continuamente a nossa política. Além disso, ela escreveu um livro intitulado *Camminando controvento*, publicado em 2016, no qual nos apresenta um ensaio apaixonado sobre o cantor Caetano Veloso.

Considero cativante a maneira como ela constrói as histórias dos contos abordados neste trabalho, sempre utilizando um objeto como alegoria⁴ para ilustrar a sua dificuldade de se sentir pertencente a um lugar. Em *Dismatria*, ela trata sobre a sua péssima relação com malas, pois o fato de manter seus pertences guardados nelas evidencia a sua dificuldade de cravar raízes na Itália. Já, em *Salsicce*, ela - uma muçulmana sunita - narra a sua empreitada ao tentar comer uma linguiça de carne de porco para assim sentir-se mais italiana.

Outro fato que chama a minha atenção no seu processo de escrita é a forma como ela inicia um argumento, ligando-o a algo muito diverso para, no fim, nos surpreender com uma conclusão muito interessante. Muitas vezes, para desenvolver seu raciocínio, Igiaba faz comparações com personagens e questões populares e

³ *Adua*; Editora Nós, 2018.

Minha casa é onde estou; Editora Nós, 2018.

Caminhando contra o vento; Editoras Buzz e Nós, 2018.

⁴ No site Norma Culta, alegoria é definida como “uma figura de linguagem caracterizada como sendo um conjunto simbólico criado para transmitir um segundo sentido além do sentido literal das palavras (NEVES, entre 2007-2021)”.

menciona elementos das culturas italiana e somali, assim nos permite entendê-la e, ao mesmo tempo, aprender informações novas.

A sua ironia aliada a uma escrita muitas vezes informal parece aproximar escritora e leitor. Quando a lemos, temos a sensação de ler uma amiga que se lamenta e se confessa. Tal fato pode ser percebido no trecho a seguir, retirado do conto *Salsicce*:

Fui comprá-las na Rosinha, aquela que tem a mercearia virando a esquina. Rosinha é grandona e simpática, talvez tenha tetas volumosas e muito pesadas, mas tem um sorriso que te derruba, juro, um sorriso que vale ouro. E se digo que ela me faz descontos no queijo, aquele *top*, vocês entenderão que Rosinha é alguém para se ter bem próximo. Bem, então, o que eu dizia? Ah sim, eu fui comprar as tais linguiças na Rosinha e menti descaradamente para ela (SCEGO, 2005b, p. 24, tradução nossa, grifo nosso).⁵

4. FUNCIONALISMO E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

4.1 FUNCIONALISMO

A teoria do escopo, de Hans Vermeer, refere-se ao propósito que guia uma tradução. Segundo o autor, um texto de partida (TP) pode ser traduzido de inúmeras maneiras a depender da função pretendida pelo tradutor ou pelo iniciador da tradução.

Leal (2016) apresenta o modelo de Christiane Nord, baseado na teoria do escopo, que propõe pelo menos 76 perguntas que auxiliariam na execução de uma análise profunda por meio da qual o tradutor poderia

estabelecer a função do texto de partida dentro da cultura de partida, para então compará-la à provável função do texto de chegada na cultura de chegada e, por fim, identificar tanto os elementos que serão preservados, quanto aqueles que serão adaptados na tradução (LEAL, 2016, p. 2).

As questões elaboradas por Nord dividem-se em dois grupos: fatores extratextuais e fatores intratextuais. O primeiro refere-se à análise do contexto de produção do TP (o autor, a intenção, o receptor, o meio utilizado, o local, o tempo),

⁵“Sono andata a comprarle da Rosetta, quella che ha la drogheria dietro l’angolo. Rosetta è una donna simpatica, forse ha troppe tette e troppo pesanti, ma ha un sorriso che ti stende, giuro, un sorriso che vale oro. Se aggiungete che mi fa gli sconti sul formaggio, quello *bbono*, capirete da voi che Rosetta è una da tenerela stretta stretta. Bè, allora, che dicevo? Ah sì, sono andata a comprare ‘stê salsicce da Rosetta e le ho mentito spudoratamente (grifos da autora)”.

enquanto o segundo refere-se ao que se pode perceber na leitura do texto em si (o assunto, a mensagem, o que está implícito, a disposição do texto, os elementos não verbais, as palavras, os tipos de frase, as nuances) (NORD 2012 apud PONTES e PEREIRA, 2016, p. 350).

Além disso, no modelo de Nord, surge o importante conceito de encargo de tradução (*brief*), que seria “a definição do propósito do processo tradutório” (SILVA e MOURA, 2020, p. 169), ou seja, o tradutor receberia as instruções de algum dos agentes do processo tradutório para realizar a tarefa solicitada. Em muitos casos, o próprio tradutor elabora esse *brief*.

Nessa teoria, o protagonista é o texto de chegada (TC), pois não se busca somente espelhar o TP, mas sim alcançar e se manter fiel ao propósito planejado no projeto de tradução. Ao invés de tentar reproduzir exatamente as mesmas passagens presentes no TP, o tradutor concentra-se em cumprir a sua meta.

Nesse modelo, outros fatores externos ao texto começaram a ser considerados na tradução, tais como os papéis exercidos pelo iniciador, pela empresa, pelo tradutor e demais profissionais envolvidos e pelo público-alvo, não somente as informações contidas no TP.

De certa forma, o funcionalismo oferece maior poder de escolha e decisão ao tradutor, visto que Vermeer vê esse como um profissional capacitado para mediar a comunicação entre diferentes culturas e, assim, informar seus clientes sobre a melhor forma de reportar-se ao leitor de chegada.

De acordo com Pym (2017), Nord concorda em parte com Vermeer quando o assunto é a soberania do tradutor. Ela confere maior destaque ao iniciador da tradução, considerando que o erro de tradução ocorreria quando as instruções pré-definidas pelo cliente não fossem respeitadas. Entretanto, ela declara que “os tradutores têm o direito e a responsabilidade de fazer o que eles acham apropriado” (PYM, 2017, p. 116). Lembrando, mais uma vez, que o próprio tradutor pode desempenhar o papel iniciador, quando ele próprio decide fazer uma determinada tradução, especificando a sua função e propósito. Dessa maneira, ao tentar descrever o processo tradutório de um texto literário por mim traduzido, sob uma perspectiva funcionalista, posiciono-me no papel iniciadora/tradutora.

Em seu modelo funcionalista, Nord inclui a tradução do texto literário, mas essa inclusão recebe inúmeras críticas, haja vista a natureza criativa desse gênero que, acredita-se, foge da noção de propósito defendida pelos funcionalistas.

Nord afirma que uma das formas de detectar a intenção do autor seria por meio da análise dos aspectos intratextuais como “as características conotativas, expressivas e estéticas do texto literário” e que “os receptores do texto literário têm expectativas que variam de acordo com sua experiência literária e seu conhecimento do autor do TP (NORD, 2018, apud SILVA e MOURA, 2020, p. 170)”.

Logo, guiado por essas expectativas, o tradutor poderia tomar decisões tradutórias que não teriam necessariamente o objetivo de produzir uma tradução mais próxima ao literal, por exemplo.

A elaboração de qualquer tradução, seja ou não funcionalista, requer que o tradutor tenha conhecimentos específicos de seu ofício. Nos ET, esses conhecimentos são conhecidos como competência tradutória, que será brevemente apresentada na próxima seção.

4.2 COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

Considerando a tradução como “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada (HURTADO ALBIR, 2001, apud BEVILACQUA e KILIAN, 2017, p. 1710-1711)”, e que essa é uma atividade que pode ser desenvolvida, o Grupo PACTE vem elaborando nas últimas décadas um modelo de competência tradutória composto por habilidades que seriam próprias do tradutor para exercer a atividade tradutória da melhor maneira possível. Sob esse modelo, o diferencial do tradutor profissional seria possuir as subcompetências que dizem respeito aos conhecimentos teóricos, profissionais e sobre fontes de consulta e a habilidade em resolução de problemas tradutórios.

O modelo do Grupo PACTE é formado por cinco subcompetências:

- a) bilíngue: conhecimentos que proporcionam a capacidade estabelecer uma comunicação entre as línguas de partida e chegada (gramaticais, textuais, lexicais, pragmáticos e sociolinguísticos);
- b) extralinguística: conhecimentos enciclopédicos, sobre culturas e línguas de especialidade;

- c) dos conhecimentos sobre tradução: conhecimentos gerais e teóricos sobre o processo tradutório e a atuação profissional;
- d) instrumental: conhecimento sobre as fontes de consulta (dicionários, gramáticas, documentos, sites, *corpora*, entre outros) e sobre instrumentos que auxiliam o tradutor (memórias de tradução, tradutores automáticos, entre outros);
- e) estratégica: possibilita a elaboração do projeto tradutório. Por meio dela, são ativadas as demais subcompetências, uma vez que o tradutor utiliza-se de seus conhecimentos para melhor executar o seu planejamento prévio, avaliar os resultados parciais e finais do processo e sanar possíveis problemas de tradução (HURTADO ALBIR, 2005).

Atrelados às subcompetências mencionadas, também fazem parte do modelo os componentes psicofisiológicos, os quais são constituídos por

componentes cognitivos, tais como memória, percepção, atenção e emoção; aspectos atitudinais, como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite das próprias possibilidades, motivação, etc; habilidades, tais como criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese etc (HURTADO ALBIR, 2005, p. 29).

Ao descrever minhas escolhas tradutórias, retomarei esse modelo com o objetivo de demonstrar como utilizei algumas dessas subcompetências durante o processo tradutório.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS COMENTÁRIOS

A ideia inicial do trabalho era realizar uma tradução funcionalista tendo como propósito adaptar a história do TP e produzir um TC mais próximo aos costumes e aos saberes compartilhados pelo povo brasileiro. Assim, a escolha por essa aproximação à cultura de chegada mediaria as diferenças entre duas culturas: a italiana e a brasileira. Entretanto, Scego transita entre duas culturas distintas: a italiana e a somali.

Em muitas passagens de seus contos, a autora narra os conflitos entre a sua pessoa afro italiana e o mundo ao seu redor. Assim, decidi repensar minha tradução, pois acredito ser importante manter esse conflito. Dessa maneira, eu não poderia mais domesticar totalmente o meu texto, mas sim conciliar e ajustar os choques

culturais presentes na história, visto que tais choques estão constantemente presentes na obra da escritora.

Scego, muitas vezes, utiliza e menciona a cultura somali como um contraponto à cultura italiana, trazendo vários aspectos dessa cultura, seja ao falar de culinária, seja ao citar o *dirah* (vestimenta típica somali). Naturalmente, esses elementos podem causar estranhamento para um leitor italiano, assim, ao pensar minha tradução, quis reproduzir em meu texto essa nuance.

Essa foi a parte mais laboriosa ao trazer as histórias para o contexto brasileiro, porque um hábito somali que é considerado inusitado para um italiano, muitas vezes pode não ser para um brasileiro e vice-versa. Por exemplo, em um trecho do conto *Sa/sicce*, Igiaba cita que se sente somali quando come banana junto com arroz, no mesmo prato. Para nós brasileiros, não é algo de outro mundo misturar frutas, especialmente a banana, em refeições salgadas, mas, para os italianos, tal fato é algo inimaginável porque eles costumam colocar no prato somente um tipo de alimento por vez.

Para a presente análise, resolvi dividir os trechos selecionados em três grupos: localização espacial e temporal, Angeliq e cultura e aspectos linguísticos.

A localização espacial e temporal se refere às mudanças geográficas e temporais (dia, mês, ano e estação do ano) que fiz ao decorrer das histórias e que foram necessárias para trazê-las para a realidade brasileira.

Já a presença de Angeliq no conto *Desmatria* acarretou mudanças expressivas e bastante interessantes no decorrer da tradução. Por se tratar de uma pessoa brasileira no TP e que entra em conflito com a personagem principal devido a um falso cognato entre as línguas portuguesa e italiana (o verbo português “ficar” conjugado na 3ª pessoa do singular, no presente do indicativo, e o palavrão italiano “figa”), a escolha da sua nacionalidade no TC envolveu primeiramente questões linguísticas, porém, no desenrolar do conto, elementos culturais também tiveram que ser repensados e modificados.

Como mencionado anteriormente, Scego explora as divergências entre as culturas italiana e somali ao decorrer de sua narrativa. No subcapítulo referente aos aspectos culturais e linguísticos, apresento e explico o processo de tradução e adaptação dos costumes, das referências cinematográficas, da legislação e dos dialetos citados pela autora.

5.1 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL

Desde o início, os contos de Igiaba Scego situam o leitor sobre onde a história se passa. Na primeira página de ambos, a personagem já menciona que irá narrar fatos ocorridos na cidade italiana de Roma. Em *Dismatria*, inclusive o endereço da sua casa, ainda que fictício, é citado. Já em *Linguças*, além de sabermos que a personagem se encontra em Roma, somos informados sobre o dia, o mês e a hora em que a história se inicia.

Por se tratarem de elementos que marcam culturalmente as tramas, as suas adaptações tiveram um trabalho de pesquisa e reflexão muito intenso. A primeira escolha, a cidade de São Paulo para representar aquilo que, a meu ver, a cidade de Roma significa para os italianos, inevitavelmente, acarretou outras mudanças ao decorrer dos contos.

Scego usa a cidade de Roma para ambientar os dois contos aqui abordados. Em minhas traduções, escolhi a cidade de São Paulo como uma espécie de equivalente para a realidade brasileira por considerar que as duas cidades compartilham características semelhantes, como mostro nos exemplos abaixo:

Tabela 1: A escolha por São Paulo, em *Desmatria*

TP	TC
<i>A Roma la gente corre sempre, a Mogadiscio la gente non corre mai. Io sono una via di mezzo tra Roma e Mogadiscio: cammino a passo sostenuto. Do l'impressione di correre, ma sempre camminando.</i>	<i>Em São Paulo as pessoas correm sempre, em Mogadiscio as pessoas nunca correm. Eu sou um meio-termo entre São Paulo e Mogadiscio: caminho com passo firme. Dou a impressão de correr, mas sempre caminhando.</i>

Fonte: elaborada pela autora

Tabela 2: A escolha por São Paulo, em *Linguças*

TP	TC
<i>Oggi, mercoledì 14 agosto, ore 9 e 30, mi è accaduto un fatto strambo. Per ragioni mie e ancora poco chiare ho comprato una grande quantità di salsicce. [...] Non è strambo nemmeno il fatto che abbia comprato le salsicce</i>	<i>Hoje, quarta-feira, 14 de fevereiro, às 9h30min, aconteceu-me um fato estranho. Por razões minhas e ainda pouco claras, comprei uma grande quantidade de linguças. [...] Não é estranho nem sequer o fato de que eu</i>

<p>oggi, vigilia di Ferragosto. Ormai Roma è la capitale di un paese che si considera parte della rete globale, una città moderna, popolata di gente moderna, quindi aperta, anzi, che dico, SPALANCATA! Era naturale che in uno scenario globale il Ferragosto italico per forza di cose risultasse <i>démodé</i>, con le strade vuote, le saracinesche abbassate, il silenzio di un giorno d'estate.</p>	<p>tenha comprado as linguiças hoje, véspera de Carnaval. Agora São Paulo é a capital de um estado que se considera parte da rede global, uma cidade moderna, povoada de gente moderna, portanto aberta, aliás, melhor dizendo, ESCANCARADA! Era natural que em um cenário global o Carnaval de rua paulista por força das circunstâncias ficasse <i>démodé</i>, com as ruas vazias, os portões fechados, o silêncio de um dia de verão.</p>
---	---

Fonte: elaborada pela autora

As passagens acima referidas, nos quadros 1 e 2, fazem parte da introdução da história e situam o leitor sobre onde esta se passa. Ou seja, logo no início, coloquei em prática a aplicação do propósito escolhido para a tradução: adaptar a história para o contexto brasileiro. Como destacado, a trama do conto se passa em Roma, capital da Itália. Essa cidade é conhecida por seu caráter cosmopolita e, como bem mencionou a narradora, com grande fluxo de pessoas que transitam em alta velocidade.

A escolha por São Paulo aqui se deu exatamente por esses dois motivos. Acredito que, no Brasil, essa cidade represente muito bem essas características. São Paulo, além de atrair migrantes do Brasil inteiro, abriga algumas das maiores colônias do mundo. Para corroborar a minha escolha, pesquisei e confirmei a presença de refugiados africanos na capital paulista, durante a década de 1980. Segundo Kaly (apud Sena, 2019), entre as décadas de 80 e 90, começaram a chegar os imigrantes africanos ao nosso país. A maioria desses imigrantes fugia de guerras civis. Ainda de acordo com Sena (2019), em 2002, apesar de discreta, a presença de africanos no Brasil se concentrava nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Dessa forma, considereei que uma filha de imigrantes nascida nos anos 80 seria uma pessoa adulta na década de 2000.

No que se refere ao espaço temporal, no TP, a narrativa do conto *Linguiças* acontece durante a véspera do Ferragosto, que é um feriado de verão muito importante para os italianos, no qual eles aproveitam o tempo livre para descansar e se divertir. No momento em que me deparei com o primeiro parágrafo de *Salsicce*,

automaticamente pensei em traduzir o “Ferragosto” como “Carnaval”, visto que este é o nosso maior feriado de verão.

Essa situação gerou outra escolha significativa: já que o verão no hemisfério sul ocorre de dezembro a março, o mês em que se passa a história deveria também ser alterado. Assim, “agosto” se transformou em “fevereiro” no TC, entretanto optei por manter o dia como “14” porque se trata de um feriado móvel, então não senti a necessidade de fazer qualquer modificação.

Entretanto, eu não estava segura sobre o fato de o Carnaval brasileiro ter se tornado “démodé” em São Paulo. Após pesquisas, descobri que o carnaval de rua de São Paulo havia ressurgido com força total a partir da década de 2010. De acordo com Pimentel (apud De Souza e Antonucci, 2020), devido ao grande sucesso do carnaval realizado no Sambódromo do Anhembi, os investimentos públicos foram intensificados para aquela zona da cidade, enquanto isso, o carnaval de rua paulista acabou enfraquecido.

Ainda segundo De Souza e Antonucci (2020), o ressurgimento do carnaval de blocos de rua na capital paulista foi iniciado por grupos ativistas, sendo bem recebido pela população. Só em 2012, mais de 30 blocos foram criados. Anos mais tarde, em 2014, o carnaval de rua paulista foi regulamentado por meio do Decreto nº54.815, de 05 de fevereiro de 2014, durante o mandato do prefeito Fernando Haddad. A partir daí, ocorre o “boom” dos blocos carnavalescos pela cidade.

Levando em consideração que os dois contos por mim traduzidos foram publicados em 2005, considero que seja possível definir o carnaval de rua daquele período, em São Paulo, como démodé.

Por fim, já que a cidade de Roma serve como palco para as duas histórias, acredito que não seria coerente escolher outra cidade para a adaptação do texto *Linguças*.

Além de indicar Roma como o cenário dos contos, em *Dismatria*, a narradora especifica totalmente o endereço de sua residência. Na tradução desse trecho, procurei mesclar o real e o fictício, assim como fez a narradora, segundo a minha interpretação. Explico melhor a minha estratégia a seguir:

Tabela 3: A escolha pela Rua Gama, em *Desmatria*

TP	TC
----	----

<p><i>A quel tè pomeridiano, che mi sembrava un vero processo sotto mentite spoglie, avrebbe presenziato l'intero parentame di via Gori 3 palazzina B interno 15.</i></p>	<p><i>Naquele chá da tarde, que me parecia um verdadeiro processo sob falsos pretextos, presenciaria toda a família da rua Gama, prédio 3, apartamento 15.</i></p>
--	---

Fonte: elaborada pela autora

Ao me deparar com esse endereço italiano, resolvi pesquisá-lo na internet para verificar a sua existência. No entanto, encontrei somente duas ruas com nomes semelhantes: Via Fabio Gori e Via Gori Antonio Francesco. Por não parecer se tratar de uma rua real ou que talvez não tenha tido o seu nome totalmente explicitado pela narradora, decidi criar um endereço de forma análoga à ela: utilizando somente parte de um nome de uma rua existente em São Paulo, para não correr o risco de citar um endereço verdadeiro.

Porém, antes disso, busquei saber, através de uma rápida pesquisa na primeira página do Google, quantas ruas com o nome “Gama” existiam em São Paulo. A escolha por “Gama” deu-se por se tratar de um sobrenome que também começa com a letra “G” e por conter quatro letras, bem como o nome da rua mencionada no TP. Por encontrar duas ruas que continham “Gama” na composição do nome (Gama Lobo e Gama Cerqueira), resolvi usá-lo, mantendo a numeração semelhante àquela usada pela narradora.

5.2 ANGELIQUE

No conto *Dismatria*, Angélique, uma drag queen, é a amiga brasileira da personagem principal. A amizade entre as duas começa após um grande mal entendido. Angélique, que até então se chamava Angel, ao pedir uma informação à protagonista, utiliza a primeira pessoa do verbo ficar em português, entretanto “fica” em italiano significa um modo chulo para se referir ao órgão genital feminino. Visto que o som das duas palavras é semelhante (“fica” e “figa”), a italiana fica indignada com o pressuposto assédio e responde com um tapa no rosto do estrangeiro.

Essa anedota apresenta detalhes que geraram muita reflexão de minha parte. Na passagem a seguir, comento cada um deles:

Tabela 4: O primeiro encontro entre a protagonista e Angélique

Por saber que as palavras de um idioma podem ter diferenças regionais, pesquisei e, depois de ler muitos blogs e fóruns na internet, cheguei à conclusão que o uso da palavra “buseta” era bastante difuso na Colômbia.

Encontrado o equivalente, tive que modificar totalmente a frase da pergunta de Angel: agora ele deveria perguntar onde poderia pegar um ônibus durante a noite. Por ter um conhecimento básico de espanhol, recorri ao Google Tradutor para traduzir a frase que criei em português para a pergunta. Satisfeita com a tradução da ferramenta, resolvi utilizá-la.

Mantive a palavra “noite/noche” na pergunta propositalmente, pois eu conseguiria perfeitamente manter a ênfase que a autora dá na pronúncia de Angel. Optei por utilizar o Maradona no exemplo por se tratar de um jogador conhecido internacionalmente, assim como Pelé, e que tem o espanhol como língua materna.

Por ser fã da cultura brasileira, não é surpresa que Scego tenha mencionado aspectos de nossa música ao descrever uma cena com a personagem *drag*. Abaixo relato minha escolha de tradução que, apesar de simples, teve um motivo bem estabelecido.

Tabela 5: A menção a uma artista conterrânea de Angelique

TP	TC
<p><i>Invece parlò con la drag e le disse: “Che ci fa lei qui? Non c’entra con noi. Non è della famiglia. Poi signora, non so se lo avrà notato, ma lei è una deviata, omosessuale insomma”. [...] Angelique, che è il mio angelo, fece le mie veci. E disse solo: “Grazie di avermelo fatto notare, ne avevo un vago sospetto fin dall’età di tredici anni. Imitavo Maria Bethânia davanti al grande specchio in camera dei miei. La conosce Maria Bethânia?”.</i></p>	<p><i>Ao invés, falou com a drag e lhe disse: “O que você faz aqui? Não tem nada a ver com nós. Não é da família. Depois, senhora, não sei se você percebeu isso, mas você é uma desviada, resumindo: um homossexual”. [...] Angelique, que é o meu anjo, fez as minhas vezes. E disse somente: “Obrigada por me fazer perceber, eu tinha uma vaga desconfiança de que era desde os 13 anos. Imitava Shakira na frente de um grande espelho no quarto dos meus pais. Você conhece a Shakira?”.</i></p>

Fonte: elaborada pela autora

Ao ler a passagem acima, automaticamente o nome de Shakira me veio à mente por se tratar de uma cantora colombiana muito famosa entre os mais jovens no Brasil. Após refletir um pouco mais sobre tal possibilidade, dei-me conta que

Shakira, assim como muitas cantoras de música pop, é muito querida pelo público LGBTQIA+.

Entretanto eu não sabia se Maria Bethânia também era tida como uma “diva” entre o público gay. Ao pesquisar sobre isso, encontrei uma entrevista onde Bethânia é perguntada sobre como se sente ao ser venerada pelos gays⁶, então considerei a escolha por Shakira apropriada nesse contexto.

5.3 ASPECTOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS

Como já mencionado, o texto de Scego mescla informações e aspectos que configuram a sua dupla identidade (italiana e somali). A personagem principal das duas histórias pode, ao mesmo tempo, utilizar o dirah e falar fluentemente o dialeto romanesco.

Em meio a essa duplicidade, a personagem constantemente faz referência a diversos aspectos da cultura italiana. Em *Dismatria*, por exemplo, enquanto divaga para nos revelar qual é o seu maior problema naquele momento, ela faz menção à Rai, a principal emissora de televisão italiana, e ao Cinecittà, um complexo de estúdios situado em Roma, onde foram rodadas grandes obras do cinema italiano. Uma vez que não dispomos de tal estrutura para a produção de filmes nacionais, tive que utilizar uma solução que considero muito brasileira.

Tabela 6: A adaptação do meio audiovisual

TP	TC
“Non era un problema che i film di Hollywood o di Cinecittà avessero mai trattato nella loro lunga storia”.	“Não era um problema que os filmes de Hollywood ou as novelas da Globo já tivessem tratado ao longo de suas histórias”.

Fonte: Elaborada pela autora

Como mencionei acima, não possuímos um complexo cinematográfico similar no Brasil, entretanto temos os Estúdios Globo que produzem anualmente diversas telenovelas de sucesso, as quais são exportadas para várias partes do mundo. Os folhetins da TV Globo têm uma influência muito forte em nossa cultura. Acredito que

⁶ Entrevista concedida ao site NSC Total, em 2017.

a maioria dos brasileiros já assistiu a alguma trama exibida pela emissora. Por isso, considero que as histórias transmitidas pela Globo nos remeta à ideia de conhecimento compartilhado suscitada pela autora.

Ao narrarem suas histórias, as personagens estavam tentando mediar a presença de duas culturas distintas (italiana e somali). Ao traduzir, eu estava tentando mediar a presença de três culturas distintas (italiana, somali e brasileira).

Para exemplificar os momentos em que se sente mais pertencente a uma nacionalidade, a protagonista elenca as mais diversas situações. Nesse momento, os choques e as similaridades entre as três culturas me levaram a propor mudanças mais significativas.

Listando as situações que a fazem sentir somali, a narradora cita seus costumes africanos que a distinguem muito dos italianos. Porém, alguns hábitos culinários mencionados por ela são praticados também pela população brasileira, fazendo com que a cultura somali não pareça tão estranha aos nossos olhos.

Para resolver esse impasse, precisei pesquisar mais a fundo a culinária somali, para encontrar ali pontos que não nos fossem familiares. O resultado pode ser acompanhado no quadro a seguir, em que trago o trecho com o exemplo já mencionado da mistura de arroz com banana.

Tabela 7: A culinária somali, em *Linguigas*

TP	TC
<p>“Vediamo un po’. Mi sento somala quando: 1) bevo il tè con il cardamomo, i chiodi di garofano e la cannella; 2) recite le 5 preghiere quotidiane verso la Mecca; 3) mi metto il dirah; 4) profumo la casa con l’incenso o l’unsi; 5) vado ai matrimoni in cui gli uomini si siedono da una parte ad annoiarsi e le donne dall’altra a ballare, divertirsi, mangiare... insomma a godersi la vita; 6) mangio la banana insieme al riso, nello stesso piatto, intendo; 7) cuciniamo tutta quella carne con il riso o l’angeelo; 8) ci vengono a trovare i parenti dal Canada, dagli Stati Uniti, dalla Gran</p>	<p>“Vejamos. Sinto-me somali quando: 1) bebo chá com cardamomo, cravo-da-índia e canela; 2) recito as 5 orações diárias voltada para Meca; 3) quando visto o dirah⁷; 4) perfume a casa com incenso ou unsi⁸; 5) vou aos casamentos nos quais os homens se sentam de um lado chateando-se e as mulher es do outro dançando, divertindo-se, comendo... em suma a curtir a vida; 6) uso molho shigni como acompanhamento nas mais diversas refeições; 7) comemos feijão azuki com açúcar; 8) vêm aqui nos visitar os parentes do Canadá, dos</p>

⁷ Vestimenta feminina típica somali.

⁸ Mistura de incenso e outros perfumes.

<p><i>Bretagna, dall’Olanda, dalla Svezia, dalla Germania, dagli Emirati Arabi e da una lunga lista di stati che per motivi di spazio non posso citare in questa sede, tutti parenti sradicati come noi dalla madrepatria; 9) parlo in somalo e mi inserisco con toni acutissimi in una conversazione concitata; 10) guardo il mio naso allo specchio e lo trovo perfetto; 11) soffro per amore; 12) piango la mia terra straziata dalla guerra civile; 13) faccio altre 100 cose, e chi se le ricorda tutte!”</i></p>	<p><i>Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Holanda, da Suécia, da Alemanha, dos Emirados Árabes e da longa lista de países que por motivos de espaço não posso citar aqui, todos parentes erradicados como nós da terra natal; 9) falo em somali e me insiro com tons agudíssimos em uma conversa agitada; 10) olho o meu nariz no espelho e o acho perfeito; 11) sofro por amor; 12) choro a minha terra dilacerada pela guerra civil; 13) faço outras 100 coisas, e quem se lembra de todas!”</i></p>
--	--

Fonte: Elaborada pela autora

Enquanto na Itália, uma refeição consiste em quatro partes distintas - o *antipasto*, a entrada; o *primo*, macarrão ou risoto; o *secondo*, algum tipo de carne; e o *dolce*, a sobremesa - aqui no Brasil, normalmente, misturamos vários tipos de alimento em um mesmo prato durante o almoço e o jantar. É comum também inserirmos frutas nos pratos, principalmente a banana. Então, nenhuma das ações praticadas pela protagonista no item seis seria inusitada para nós.

Para resolver esse empecilho, recorri à internet para pesquisar sobre a culinária somali. Ainda que haja pouco material sobre o assunto, por meio de blogs e vídeos disponíveis no Youtube, conheci o shigni: molho picante composto por pimenta, tamarindo, entre outros ingredientes.

Já no item sete, a protagonista fala sobre cozinhar diferentes tipos de carne com arroz. Levando em consideração que temos no Brasil pratos como o carreteiro e o baião de dois, não considero estranho um prato somali que misture carne ao arroz.

Ao ler sobre os pratos consumidos na Somália nas páginas do Wikipédia de vários países, chamou-me atenção a receita do “cambuulo”, que seria basicamente a mistura de feijão com açúcar. Para confirmar a veracidade das informações, busquei por vídeos no Youtube que mostrassem a preparação do prato. Fiquei surpresa ao ver que são adicionados óleo de oliva e açúcar na finalização do feijão.

Devido ao meu espanto em relação à composição da iguaria, achei o sentimento que essa informação passa seria compatível com aquele pretendido pela narradora. É verdade que doces japoneses à base de feijão são vendidos em nosso

país há algum tempo, mas é verdade também que para muitos brasileiros o consumo de feijão adocicado ainda parece ser uma ideia um pouco desagradável.

O trecho no qual a narradora cita os momentos que a fazem sentir-se italiana sofreu um maior número de adaptações, em comparação ao anterior.

Tabela 8: Adaptações culturais diversas, em *Linguagens*

TP	TC
<p><i>“Mi sento italiana quando: 1) faccio una colazione dolce; 2) vado a visitare mostre, musei e monumenti; 3) parlo di sesso, uomini e depressioni con le amiche; 4) vedo i film di Alberto Sordi, Nino Manfredi, Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Monica Vitti, Totò, Anna Magnani, Giancarlo Giannini, Ugo Tognazzi, Roberto Benigni, Massimo Troisi; 5) mangio un gelato da 1,80 euro con stracciatella, pistacchio e cocco senza panna; 6) mi ricordo a memoria tutte le parole del 5 maggio di Alessandro Manzoni; 7) sento per radio o tv la voce di Gianni Morandi; 8) mi commuovo quando guardo negli occhi l’uomo che amo, lo sento parlare nel suo allegro accento meridionale e so che non ci sarà un futuro per noi; 9) inveisco come una iena per motivi più disparati contro primo ministro, sindaco, assessore, presidente di turno; 10) gesticolo; 11) piago per i partigiani, troppo spesso dimenticati; 12) canticchio Un anno d’amore di Mina sotto la doccia; 13) faccio altre 100 cose, e chi se le ricorda tutte!”</i></p>	<p><i>“Sinto-me brasileira quando: 1) meu café da manhã é composto por pão francês e café preto; 2) vou a jogos de futebol; 3) falo de sexo, homens e depressões com as amigas; 4) vejo os filmes de Grande Otelo, Mazzaropi, Os Trapalhões, Sônia Braga, Fernanda Montenegro, Carmen Miranda, Matheus Nachtergaele, Selton Mello; 5) como um açaí de 15,00 reais com banana, granola e leite condensado; 6) lembro-me de cabeça todas as palavras da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias; 7) ouço pelo rádio ou tv a voz de Caetano Veloso; 8) comovo-me quando olho nos olhos o homem que amo, ouço ele falar no seu alegre sotaque nordestino e sei que não existirá um futuro para nós; 9) xingo como uma hiena pelos motivos mais diversos o presidente, o prefeito, os vereadores, os deputados; 10) tomo mais de um banho durante o dia; 11) choro pelos negros escravizados, muitas vezes esquecidos; 12) cantarolo Chuva de prata, da Gal, embaixo do chuveiro; 13) faço outras 100 coisas, e quem se lembra de todas!”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

O café da manhã dos italianos costuma ser composto por alimentos doces, uma das combinações mais consumidas é o cornetto (similar ao croissant) com uma

xícara de cappuccino. Normalmente, quando comento sobre isso com um brasileiro, recebo um olhar de desaprovação, muitos até me dizem que acham impensável comer algo doce logo pela manhã. Por isso, tive que modificar totalmente o tipo de refeição mencionada no item um. Primeiramente, traduzi esse elemento como “café da manhã composto por um pão na chapa e um café pingado”, mas tive a impressão de estar reduzindo o conteúdo ao estado de São Paulo. Gostaria que qualquer brasileiro se identificasse com a personagem nesse trecho, então resolvi utilizar um modo mais geral de descrever o café da manhã do brasileiro, com ingredientes presentes de norte a sul do país.

Diferentemente do Brasil, vejo a Itália como um país que preserva muito bem a sua história, mantendo construções e obras artísticas que atraem turistas do mundo inteiro. No caso de nosso país, considero que o carnaval e o futebol representem o carro chefe de nossa cultura no cenário mundial. Por esse motivo escolhi adaptar o item dois e trazer para o texto a ida a estádios de futebol.

A tradução do item quatro foi bastante trabalhosa, pois eu não conhecia grande parte dos atores citados pela narradora. Decidi pesquisar por cada um na internet, enquanto fazia anotações sobre suas características mais marcantes na carreira.

Alberto Sordi, Nino Manfredi, Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi e Totò foram uns dos principais atores da chamada “*commedia all’italiana*”: um gênero que retratava os problemas da Itália pós 2ª Guerra Mundial de um forma mais leve e menos triste, apresentando uma crítica social de forma mais velada. De início, recordei-me dos filmes de Amácio Mazzaropi porque a época e os temas abordados coincidem.

Entretanto, Mazzaropi não contou com parceiros ilustres durante a sua carreira, então decidi buscar por outros cinco atores que tivesse marcado história atuando em comédias nacionais. Assim escolhi utilizar Os Trapalhões e Grande Otelo por se tratarem de grandes comediantes e por serem contemporâneos aos demais.

A escolha das atrizes citadas na tradução teve um percurso mais veloz. Porém, eu continuei prezando por utilizar atores brasileiros que tivessem uma trajetória similar a dos artistas italianos citados no TP.

Sônia Braga foi escolhida por, assim como Monica Vitti, ser uma atriz que acumula muitos prêmios internacionais.

Quando busquei por Anna Magnani no Google, encontrei inúmeros textos a enaltecendo, denominado-a como “mito” e um dos maiores nomes da atuação. Toda essa fama de atriz espetacular lembrou-me o caso de Fernanda Montenegro, que é uma atriz muito aclamada e que fez história sendo a primeira latina americana indicada ao Oscar.

A trajetória de Giancarlo Giannini me lembrou um pouco a de Carmen Miranda, pois os dois são atores internacionalmente conhecidos e participaram de produções estadunidenses.

A escolha por usar Matheus Nachtergaele como um correspondente brasileiro de Roberto Benigni deu-se pela similaridade entre as duas carreiras. Além de serem reconhecidos pelas grandes atuações no cinema, ao longo de suas carreiras, dando vida a personagens cômicos e carismáticos - como Guido, em *A Vida é Bela*, e João Grilo, em *O Auto da Compadecida* - ambos também são diretores.

Encontrar um artista brasileiro para adaptar a menção a Massimo Troisi foi mais complexo. Troisi ficou conhecido como um dos maiores intérpretes do cinema italiano e pelo seu estilo cômico. Escolhi Selton Mello para representá-lo na tradução por se tratar de um rosto bastante conhecido no cinema brasileiro e por também ter representando personagens cômicos inesquecíveis, como Chicó, em *O Auto da Compadecida*, e Leléu, em *Lisbela e o Prisioneiro*.

O gelato, citado no item cinco, é com certeza uma das comidas mais típicas da Itália. Ao refletir sobre o que poderia ser um correspondente dessa sobremesa no Brasil, logo me veio à mente o nosso açaí, que é um tipo de sorvete originalmente brasileiro. Por fim, coloquei o preço que normalmente pago por um copo médio de açaí e adicionei os três acompanhamentos mais recorrentes.

Ao ler o item seis, a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, automaticamente veio à minha cabeça. Esse poema acompanhou minha formação, do ensino médio à universidade. Por ser muito estudado em aulas de literatura brasileira e pelo tema do texto, acredito que esse seja o poema com o qual os brasileiros têm maior proximidade.

No item sete, escolhi Caetano Veloso por dois motivos. O primeiro é o fato de ter uma carreira muito parecida com aquela de Gianni Morandi, uma vez que os dois ganharam notoriedade ao participar de festivais musicais na década de 60 e serem reconhecidos até os dias de hoje. O segundo é a grande admiração que Scego nutre

por Caetano, já que seus contos contêm muitos traços autobiográficos, achei interessante inseri-lo na adaptação brasileira.

No item oito, quando a protagonista menciona o sotaque alegre proveniente do sul da Itália de seu amado, eu decidi usar o sotaque nordestino por dois motivos: por se tratar de uma região localizada no outro extremo do país, em relação a São Paulo, visto que, no TP, a personagem se encontra no norte da Itália; e por considerar o povo nordestino como dono de um caráter bastante alegre.

Certamente, o modo de falar gesticulando muito é a marca registrada dos italianos. Ao pensar no que seria a nossa marca registrada no mundo, lembrei-me que uma das nossas características que os estrangeiros mais acham estranho é aquela de tomar banho todos os dias, muitas vezes, até mais de uma vez. De acordo com uma pesquisa realizada pela Procter&Gamble (P&G), os cidadãos brasileiros tomam em média 8,5 banhos por semana (NUNES, 2021). Pode ser que tenhamos outras peculiaridades que nos diferem do restante do mundo, mas essa se mostra bastante marcante, por isso resolvi utilizá-la no item dez.

Na parte em que os “partigiani” são citados, imediatamente recordei-me dos negros escravizados que lutaram na Revolução Farroupilha e que hoje são raramente lembrados. Porém, na tradução do item onze, não especifiquei os negros da Guerra dos Farrapos, dado que história se passa em território paulistano. Assim, deixei em aberto porque as histórias dos negros escravizados, em geral, são esquecidas.

Por último, a tradução do item doze foi realizada de uma forma mais espontânea. Optei por *Chuva de Prata*⁹ por ser uma canção de amor, assim como a música *Un anno d'amore*¹⁰ citada no TP, e pelo fato de a personagem dizer que canta a música quando está embaixo do chuveiro. A escolha afirma-se como possível, pois as duas cantoras, Mina e Gal Costa, são consideradas grandes nomes da música em seus países.

Quando traduzi *Dismatria*, realizei adaptações mais pontuais em algumas palavras e frases. Entretanto, durante a tradução de *Salsicce*, precisei reescrever boa parte de três parágrafos, por trazerem discussões sobre lei e cinema italiano. A seguir, explico a situação e o processo de forma mais detalhada.

⁹ Para conferir a letra completa de *Chuva de Prata*, de Gal Costa, acesse: <https://www.lettras.mus.br/gal-costa/46104/>.

¹⁰ Para conferir a letra completa de *Un anno d'amore*, de Mina, acesse: <https://testicanzoni.rockol.it/testi/mina-un-anno-d-amore-c-est-irreparable-94289612>.

Tabela 9: Adaptação de legislação

TP	TC
<p><i>“La mia ansia è cominciata con l’annuncio della legge Bossi-Fini: A tutti gli extracomunitari che vorranno rinnovare il soggiorno saranno prese preventivamente le impronte digitali. Ed io che ruolo avevo? Sarei stata un’extracomunitaria, quindi una potenziale criminale, a cui lo Stato avrebbe preso le impronte per prevenire un delitto che si supponeva prima o poi avrei commesso? O un’italiana riverita e coccolata a cui lo Stato lasciava il beneficio del dubbio, anche se risultava essere un pluripregiudicata recidiva?”</i></p>	<p><i>“A minha ansia começou quando li a Lei n° 6.815, redigida durante a Ditadura Militar: Artigo 110 - O Ministério da Justiça poderá, sempre que considerar conveniente aos interesses nacionais, impedir a realização, por estrangeiros, de conferências, congressos e exposições artísticas ou folclóricas. E que papel eu tenho? Seria eu uma estrangeira, portanto um potencial criminosa, a qual o Estado teria que impedir a manifestação de ideias, pois precedentemente se supunha que estas caracterizassem um delito? Ou uma brasileira reverenciada e mimada, à qual o Estado concedia o benefício da dúvida, mesmo que fosse uma reincidência pluripreconceituosa?”</i></p>

Fonte: Elaborada pela autora

A Lei Bossi-Fini, promulgada em 30 de julho de 2002, modificou as normas existentes em relação aos estrangeiros presentes na Itália. No quadro acima, a personagem cita um trecho da lei que, além de deixá-la confusa em relação a sua nacionalidade, mostrava-se preconceituosa.

A partir dessas informações, pesquisei sobre a lei que regulamenta a presença de estrangeiros no Brasil. Dessa forma, tomei conhecimento da Lei de Migração, que entrou em vigor em 2017, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro, de 1980.

Visto que essa lei foi criada doze anos após a publicação do conto, decidi procurar por alguma passagem no antigo Estatuto que se referisse ao estrangeiro como uma possível ameaça à nação. O artigo 110 me pareceu ter as características perfeitas para a adaptação.

Assim, as impressões digitais que a protagonista menciona várias vezes ao decorrer da história, transformaram-se em ideias. Apesar de não serem correspondentes, acho que as duas cumprem o mesmo papel na história: assombrar uma mulher dona de uma dupla nacionalidade.

Da mesma forma como conduziu a narrativa em *Dismatria*, Scego utiliza referências cinematográficas como uma espécie de percurso para finalmente chegar ao assunto do qual quer tratar. Para discutir sobre um hábito recorrente no mercado de trabalho, a indicação, a escritora cita uma cena que faz parte do filme italiano *Il Vigile* (traduzido em português como *O Vigilante Trapalhão*). Encontrar uma cena similar no cinema brasileiro não foi possível durante o desenvolvimento do trabalho, entretanto, encontrei uma passagem similar na literatura brasileira.

Tabela 10: Adaptação do cinema para a literatura

TP	TC
<p>I concorsi sono le moderne macchine da tortura; se non si ha un santo in paradiso, diventa una corsa riservata a pochi eletti. Mi ricordo di una frase del grande, vecchio, buon De Sica a un Alberto Sordi vigile fresco di assunzione che lo ringrazia per la “raccomandazione”. De Sica guarda un po’ torvo l’Albertone nazionale e poi con una voce sferzante lo corregge: “si dice segnalazione”, scandendo bene tutte le lettere della parola: S-E-G-N-A-L-A-Z-I-O-N-E.</p>	<p><i>Os concursos são as modernas máquinas de tortura; se não se tem um contato, se torna uma corrida reservada a poucos eleitos. Lembro-me do conto O Homem que Sabia Javanês, de Lima Barreto, mais precisamente daquela parte em que o aluno de Castelo manda uma carta ao Visconde de Caruru pedindo para que seu professor entrasse na diplomacia. A famosa I-N-D-I-C-A-Ç-Ã-O.</i></p>

Fonte: Elaborada pela autora

Após semanas pesquisando e pedindo dicas de filmes a colegas e amigos, lembrei-me que o conto *O Homem que Sabia Javanês*, de Lima Barreto, que também faz uma crítica ao funcionalismo público e, em uma passagem, denuncia o processo de indicações.

Na tradução desse trecho, tentei manter a estrutura usada pela narradora: um resumo bastante informal da cena e a menção enfatizada da prática em questão.

Como mencionado anteriormente, a autora insere na sua narrativa alguns elementos do dialeto falado na cidade de Roma. Dado que não existe algo no Brasil que se assemelhe a variedade de dialetos que se diferem tanto da língua nacional, como acontece na Itália, resolvi esse impasse de uma forma simples, mas que considero eficaz.

Tabela 11: Adaptação de dialeto

TP	TC
<p><i>“[...] chiunque può entrare in un qualsiasi negozio di una qualsiasi strada dimenticata da Dio e dire: Ahó me dai 5 chili de salsicce! Ehi, ma le vojo de quelle bbone, quelle che se sciojono en boca come er miele.”</i></p>	<p>“qualquer um pode entrar em um mercado de uma rua qualquer esquecida por Deus e dizer: E aí mano, me dá 5 quilos de linguiça! Ei, mas eu quero daquelas da hora, aquelas que se derretem na boca como mel.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Ao ler esse trecho pela primeira vez, sabia se tratar de algum dialeto dos tantos existentes na Itália, mas não tinha certeza se era aquele falado em Roma. Então, perguntei à minha chefe, que é romana, se aquela frase estava escrita em romanesco, ela respondeu que sim.

Com a confirmação sobre a origem do dialeto, resolvi procurar por gírias paulistanas para reformular a frase. Após analisar diversas possibilidades, escolhi deixá-la parecida com a original, fazendo alterações bem pontuais, mesclando o falar paulistano ao português coloquial: utilizei o “e aí?”, que é um cumprimento informal muito comum; inseri o vocativo “mano”, amplamente utilizado pelos paulistanos; mantive a próclise “me dá”, que representa muito bem o português falado no Brasil; e usei a gíria paulistana “da hora” como adjetivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi motivado pela minha curiosidade de compreender na prática a aplicação da teoria funcionalista na tradução do texto literário. A resolução de

problemas de tradução foi um tema que me suscitou bastante interesse no decorrer da graduação, logo esse tipo de estudo deu-me a possibilidade de entender e desenvolver melhor as técnicas relacionadas a esta questão.

Os comentários dos trechos selecionados resgataram as minhas lembranças do processo tradutório, o que me possibilitou relatar o que se passou na minha mente enquanto tradutora. Ao ler o percurso do meu estudo, surpreendi-me ao perceber que mesmo de forma não intencional acionei todas as subcompetências tradutórias propostas pelo grupo PACTE e respondi as questões extratextuais e intratextuais suscitadas por Nord. Ao realizar a tradução, ativei meus conhecimentos bilíngue; extralinguístico, sobre as culturas italiana e brasileira; sobre teorias da tradução, utilizando como base e referência os teóricos Vermeer, Nord e Venuti; e instrumental, consultando diversos meios de pesquisa (como blogs e sites para conhecer a culinária somali, fato mencionado nos comentários da tabela sete) e ferramentas de tradução (como o Google Tradutor, ao traduzir para o espanhol a frase dita por Angelique, relatada na tabela 7). Nas análises que antecederam a tradução propriamente dita, considerei os aspectos extratextuais, como o lugar de fala da autora (mulher, filha de imigrantes africanos, negra em um país europeu), sua intenção ao utilizar cada referência (estranhamento ou conhecimento compartilhado), o público receptor (pessoas que, na maioria das vezes, têm pouco conhecimento sobre a cultura africana), o caminho escolhido para divulgar a sua mensagem (por meio de muitas comparações com as culturas italiana e mundial), o local (Itália, país escolhido como residência por seus pais) e tempo (anterior ao ano de 2005); e intertextuais, como assunto (a dificuldade dos filhos de imigrantes em compreenderem a sua identidade), mensagem (os obstáculos que a impedem de sentir-se italiana), as palavras (mantive em português a palavra “Desmatria”, criada pela autora, nesse caso, o processo de formação da palavra em português é semelhante àquele em italiano, com prefixo de negação “des” + substantivo “mátria”), tipos de frase e nuances (na tabela dez, considerei que o resumo que a autora faz da obra é bastante informal, como se o leitor conhecesse os personagens da história, assim, resolvi manter a mesma estrutura em português). Acredito que tal fato é derivado de todos os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, na qual desenvolvi minhas competências por meio de aulas, trabalhos e discussões sobre gramática, linguística, teoria da tradução, ferramentas de tradução, prática de tradução e cultura italiana.

Considero que por meio dos comentários aqui apresentados tenho a oportunidade de dar visibilidade ao trabalho de nós tradutores, muitas vezes negligenciados, pois mostro o quanto de nós existe no TC. O texto traduzido é uma espécie de mosaico que contém a nossa interpretação do TP, nossa visão de mundo, nossas vivências, nossos conhecimentos, nossas pesquisas, entre outras tantas coisas. Na tabela quatro, por exemplo, quando precisei encontrar um falso cognato entre o português e um outro idioma, coloquei em ação meus conhecimentos prévios combinados àqueles aprendidos durante a graduação e através de minhas pesquisas, assim empregando as subcompetências bilíngue, extralinguística, dos conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica.

Atrelado a todos esses fatores, temos o encargo de tradução que, como mencionado anteriormente, desempenha um papel crucial no desenvolvimento do trabalho. Minhas decisões prévias (que fazem parte do meu próprio projeto de tradução) me obrigaram a fazer uma série de mudanças ao longo da tradução. Por exemplo: na tradução do trecho apresentado na tabela três, em um primeiro momento, quis usar o bairro da República como local de residência da protagonista, pois atualmente esse é o lugar de São Paulo que abriga uma imensa colônia africana, que exhibe seu trabalho e sua cultura ao ar livre. Entretanto, esse fenômeno surgiu há menos de 10 anos, e como tinha por projeto retratar uma época semelhante à retratada no TP, tive que abandonar a escolha desse bairro paulistano. Nesse ponto, considerei o tempo em que o TP foi escrito, dessa forma, respondi e me utilizei de uma das questões levantadas por Nord.

Como estudante de tradução das línguas portuguesa e italiana, tenho alguns conhecimentos que me auxiliam a mediar a comunicação entre essas duas línguas e as respectivas culturas de seus falantes. Entretanto, na tradução dos contos de Scego, precisei lidar com uma cultura até então desconhecida por mim: a somali. Felizmente, nós tradutores contemporâneos temos o privilégio de contar com inúmeros instrumentos que nos permitem ter as mais diversas informações de forma acessível e rápida. Em meu trabalho, a internet possibilitou o acesso a aspectos da cultura somali, assim utilizei a minha subcompetência instrumental para ampliar minha subcompetência extralinguística. Por exemplo: na tabela sete, quando precisei encontrar na culinária somali preparações e ingredientes que fossem estranhos a nós brasileiros, pesquisei por meio da internet sobre os pratos consumidos por aquele povo e pude, até mesmo, ver como esses eram feitos.

Além do conhecimento e da experiência adquiridos no curso de Letras Bacharelado, utilizei minhas vivências e aprendizagens anteriores à graduação. Por exemplo: a ideia de trazer *O Homem que Sabia Javanês* para minha tradução é proveniente das aulas de literatura que tive durante curso de pré-vestibular.

Espero que este trabalho auxilie estudantes e pesquisadores interessados em conhecer e entender um pouco mais sobre o processo de aplicação da teoria funcionalista na tradução do texto literário e sobre o uso das competências tradutórias e das questões levantadas por Nord. E que, dessa forma, ajude também a dar visibilidade ao trabalho do tradutor, que, muitas vezes, não tem sua profissão reconhecida e compreendida. Espero também, com esse estudo, colaborar com futuras pesquisas e traduções de outros textos de Igiaba Scego.

De acordo com Silva e Moura (2020), apesar da tradução funcionalista do texto literário ser vista geralmente como um simples exercício limitado ao interno da universidade, um trabalho dessa espécie pode sim vir a ser publicado. Por meio da adição de um prefácio que situe o leitor sobre o propósito da tradução, por exemplo, pode-se demonstrar que essa é uma das tantas formas possíveis de se traduzir um texto literário. Assim, acredito que minhas traduções dos contos apresentados também poderiam ser publicadas, embora eu tenha feito mudanças substanciais para que os textos estivessem mais próximos aos leitores de chegada. Ainda que, naturalmente, seja difícil precisar quem possam ser esses leitores, imagino que seriam pessoas que gostam de obra de ficção e que têm interesse pelo tema da emigração africana nos dias atuais.

Referências

BEVILACQUA, Cleci Regina; KILIAN, Cristiane Krause. Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 5, dez. 2017.

BRASIL, Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Artigo 110 – Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Estatuto do Estrangeiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRITTO, Paulo Henriques. Tradução e ilusão. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 21-27, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47535>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CRICELLI, Francesca. Ler e traduzir Igiaba Scego. In: Literatura Italiana Traduzida, v.1, n.3, março. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209907>. Acesso em: 03 set. 2021.

DE SOUZA, Luiza Dias; ANTONUCCI, Denise. A apropriação do espaço público por blocos de carnaval em São Paulo. **Jornada de Iniciação Científica e Mostra de Iniciação Tecnológica - ISSN 2526-4699**, Brasil, jan. 2021. Disponível em: <http://eventoscopg.mackenzie.br/index.php/jornada/xvijornada/paper/view/1897/1454>. Acesso em: 12 out. 2021.

HURTADO ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. Trad. Fábio Alves. In: PAGANO, A. et al. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

LEAL, Alice Borges. Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.1-9, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916>. Acesso em: 05 ago. 2021.

NEVES, Flávia. Alegoria. **Norma Culta**, 2007-2021. Estilística. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/alegoria/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

NUNES, Bethânia. Comprovado! Brasileiros tomam mais banho do que cidadãos de outros países. **Metrópoles**, 31 de agosto de 2021. Saúde. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/comprovado-brasileiros-tomam-mais-banho-que-cidadaos-de-outros-paises>. Acesso em: 03 nov. 2021.

PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Livya Lea de Oliveira. O modelo Funcionalista de Christiane Nord aliado ao dispositivo de Sequências Didáticas: norteamentos para o Ensino de Tradução. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2127-2158, 2017. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10392>. Acesso em: 17 set. 2021.

PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo B. de Faveri; Claudia B. de Faveri; Juliana Steil. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2017.

SCEGO, I. Dismatria. In: SCEGO, I. et al. **Pecore Nere**. Roma-Bari: Laterza, 2005a, p. 7-21.

SCEGO, I. Salsicce. In: SCEGO, I. et al. **Pecore Nere**. Roma-Bari: Laterza, 2005b, p. 23-36.

SENA, Kananda Beatriz Pinto de. A dinâmica migratória dos africanos e as suas territorialidades no Ceará. In: XIII ENANPEGE, 2019, São Paulo. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562632444_ARQUIVO_ArtigoE_nanpege.KanandaSena.DinamicamigratoriadeafricanosesuasterritorialidadesnoCeara.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Márcia Moura da; MOURA, Bruna Navarrina de. Proposta de duas traduções do conto “The Woman, de Alice Dunbar-Nelson. **Translatio**, Porto Alegre, n. 20, p. 166-186, dez 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/105198>. Acesso em: 05 ago. 2021.

TESTA, Alberto *et al.* Un anno d’amore. **Rockol**. Testi. Disponível em: <https://testicanzoni.rockol.it/testi/mina-un-anno-d-amore-c-est-irreparable-94289612>. Acesso em: 30 nov 2021.

WILSON, Ed; BASTOS, Ronaldo. Chuva de Prata. **Letras**. Gal Costa. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gal-costa/46104/>. Acesso em: 30 nov 2021.

“Canto o que eu quiser... Sou muito livre”, diz Maria Bethânia. **NCS Total**, 24 de novembro de 2017. Entretenimento. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/canto-o-que-eu-quiser-sou-muito-livre-diz-maria-bethania>. Acesso em: 15 out. 2021.